

O PENSAMENTO DE GONÇALVES CORREIA



Gonçalves Correia, o seu pensamento e ações merecem a continuidade da pesquisa em que se baseou esta Exposição.

Contudo, após uma breve nota de enquadramento - Anarquismo e Sindicalismo, apresenta-se uma Abordagem ao Pensamento de Gonçalves Correia, cuja elaboração seguiu, como é óbvio, os elementos obtidos da investigação efetuada.

ANARQUISMO ESINDICALISMO

NOTA DE ENQUADRAMENTO

Antes de uma abordagem ao pensamento de Gonçalves Correia através de alguns dos seus escritos, impõe-se uma breve nota de enquadramento com outras referências.

Sem podermos dar um registo exaustivo sobre as correntes ideológicas e a forma como se foi desenvolvendo a organização do movimento operário na segunda metade do séc. XIX, destacamos a afirmação do socialismo científico, marxista, revolucionário, sobre outros princípios, e o papel de Marx e Engels na formação da I Internacional Operária [1864 - 1876). No quadro desta Internacional se dá o confronto Marxismo - Anarquismo, com BAKUNINE a demarcar-se do pensamento de Marx e a defender o que originou o **Anarco - Sindicalismo**.

Bakunine foi expulso da I Internacional em 1872, e convirá observarmos em síntese o que o opõe a Marx. Ambos, ou de outra forma, Marxismo e Anarquismo, defendiam a destruição do capitalismo, a socialização dos meios de produção, a igualdade económica e social, mas era diferente o caminho para o conseguir, o que levava Bakunine e outros a acusarem Marx de autoritário e centralista, pela sua proposta de organização dum sindicalismo de massas e da luta de classes visando um Estado forte, a Ditadura do Proletariado; ao contrário, BAKUNINE negava exatamente a existência do Estado, pugnando pela sua abolição, e defendendo a luta económica direta das associações operárias, livres e em federação, através da qual seriam atingidos os objetivos.

Em 1872, o italiano MALATESTA conhece Bakunine e vem a considerá-lo o "pai espiritual"; no nosso país, uma primeira tradução de *"A Anarquia"*, de Malatesta, data de 1895, mas, até 1910 é sobretudo bem mais significativa a divulgação de outros anarquistas como Kropotkine, Jean Grave, Elisée Réclus, sendo a partir daquela data e através do Jornal *A Aurora* (Porto) e da

Revista *A Sementeira* (Lisboa), que Malatesta é dado a conhecer, em particular por NENO VASCO, ⁽¹⁾ que se lhe refere como "porventura o mais lúcido e completo intérprete do anarquismo". ⁽²⁾ MALATESTA explicava a *anarquia* como "(...) uma sociedade fundada sobre o acordo livre e voluntário, na qual ninguém possa impor a sua vontade a outrem, e todos tenham meios de viver a seu modo e voluntariamente concorram

para o bem - estar geral (...) a abolição do desfrutamento e opressão do homem por parte do homem, isto é, a abolição da propriedade individual e do governo (...)". (3)

Continuando a seguir Malatesta, temos ainda que "para realizar a anarquia não basta ter a força material para fazer a revolução, mas é também preciso que os trabalhadores, associados segundo os diversos ramos de produção, se ponham em condições de garantir por si próprios o funcionamento da vida social, sem precisão de capitalistas nem de governos (...)". (4)

E reforçamos esta última ideia com as palavras do próprio Neno Vasco " *Para caminhar hoje, amanhã e sempre para a anarquia*, para a realizar pouco ou muito, o nosso método é a ação e a organização direta das massas (...) a única força criadora das revoluções está na ação popular, na ação direta das massas, na educação e organização dos indivíduos, no esforço e iniciativa de cada um e de todos". (5)

O operário arsenalista Hilário Marques, adentro do anarquismo desde 1895, e ligado à revista *A Sementeira* [1908 - 1919] expressa a Raul Brandão a sua posição de anarquista libertário e remete para o documento em que se revê, o Manifesto de FAURE, que basicamente aponta para objetivos de liberdade, boa forma física associada a condições de alimentação, roupa e habitação, formação e enriquecimento cultural e criação de "(...) um meio social favorável ao desenvolvimento integral da personalidade humana [...]". (6)

Classificando-se como "anarquista - comunista", o mesmo Hilário Marques afirma que "o poder só mantém o poder", exatamente o que nas suas palavras acontecia na Rússia e que não defendia, pelo que aceita apenas "a autoridade moral [...] o sindicalismo com intenção libertária [...] e como meio que nos conduza ao comunismo livre. O sindicalismo (que) será talvez o gérmen de futuras organizações ... ". (7)

Consideramos também importante que se recorra a Alexandre Vieira para conhecer os seus *Subsídios para a História do Movimento Sindicalista em Portugal [de 1908 a 1919]*, e a terminar esta síntese de contextualização queremos referir brevemente algumas ideias.

Alexandre Vieira, operário gráfico, jornalista, sindicalista ... vai-nos descrevendo o caminho percorrido desde esses anos de 1908 - 1909 em termos da informação, divulgação de princípios sindicalistas revolucionários, autonomização face à influência do Partido Socialista por parte de alguns grupos e organizações operárias próximas das ideias anarquistas, e que defendiam a independência de quaisquer tutelas políticas.

Remete-nos ainda Alexandre Vieira para as lutas travadas na I República, as discussões havidas no seio do movimento operário sobre sindicalismo, influência partidária e independência operária, o debate nos Jornais e Congressos, O Congresso de Tomar de 1914 e o confronto entre reformistas e *revolucionários*, com a afirmação destes, a criação da União Operária Nacional (UON) e o seu reforço a partir da Conferência Operária de 1917 (o seu fim deu-se em 1919 com a criação da CGT - Confederação Geral do Trabalho), a estratégia sindical de que" enquanto uma transformação social se não operasse, um único meio restava ao trabalhador para tornar possível a existência: a *luta incessante pelos salários mais altos*" (8), a greve de 1918 e a ação no Alentejo, destacando nós a região de Odemira - Vale de Santiago.

Sobre a "conquista" do Alentejo para as ideias revolucionárias deve ter-se presente o trabalho dos que se deslocaram para esta região em condições complexas, tiveram a colaboração de alguns rurais locais, como Joaquim J. Candieira (Portalegre) ou Vital José (Vidigueira), desenvolveram propaganda e organizaram sindicatos, sendo possível a realização do 1.º Congresso dos Trabalhadores Rurais de Évora - 1912, onde foi criada a Federação Rural; O *Trabalhador Rural* será lançado como órgão mensal da Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais.

Sem mais referências ao papel de outros Jornais (destaque-se *A Greve* - 2a. série, 1917 - semanário anarcosindicalista] e Revistas, registre-se a criação do Jornal *A Batalha* (23/2/1919) por alguns delegados da UON, como Pinto Quartim, Hilário Marques, Perfeito de Carvalho, o próprio Alexandre Vieira (secretário - geral da UON) ...

Alexandre Vieira destacou o nome de alguns "intelectuais" que muito contribuíram para o chamado "*movimento operário avançado*", como Emílio Costa, Adolfo Lima, Neno Vasco, Manuel Ribeiro, Pinto Quartim, Aurélio Quintanilha, Campos Lima ...

A limitação de espaço leva-nos a omitir uma síntese, ainda que breve, sobre a demarcação entre anarquistas e bolchevistas e os seus reflexos no movimento operário, com a criação da Federação Maximalista Portuguesa em 1919 e do Partido Comunista Português em 1921.

(1); (2); (3); (4); (5) - NENO VASCO, "*Concepção Anarquista da Sindicalismo*" (Estudo Introdutório de João Freire), Porto, Edições Afrontamento, 1984, (1)- Estudo Introdutório de João Freire - pp. 7-44; (2) - pp. 69; (3) - pp. 69-70; (4) - pp. 72; (5) - pp. 73 – 74 (6) e (7) - BRANDÃO, Raul - "*05 Operários*" - Fixação do texto, introdução e notas por Túlio Ramires Ferro, Lisboa, Biblioteca Nacional. Autores dos Séculos XIX e XX, 1984-, (6) pp. 338; (7) - pp. 287-288 (8) - VIEIRA, Alexandre - "*Subsídios para a História do Movimento Sindicalista em Portugal (De 1908 a 1919)*", Lisboa, Edições BASE, Coleção / Textos Sindicais, 1977, pp. 52